

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Memória e História: o lugar do político no universo das lembranças

João Edson de Arruda Fanaia*

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar as práticas políticas no município de Cáceres, localizado no estado de Mato Grosso a partir de entrevistas de pessoas com mais de sessenta anos de idade. Utilizando como metodologia a história oral, as narrativas constituem importante material de pesquisa no campo de investigação dos estudos sobre o político.

Palavras-chave: Memória – História – Política

Abstract: The article intends to analyze the politics practices in Cáceres city, localized in state of Mato Grosso on the bases of interviews of persons with more than 60 years. Working with oral history, the narratives are utilized how an important material of investigation of the studies about the politic.

Keywords: Memory – History – Political.

Nas últimas três décadas houve significativo alargamento dos campos de estudo e investigação da produção historiográfica, com a inclusão de novos temas e as múltiplas possibilidades de abordá-los. A diversificação das fontes acompanhou e ao mesmo tempo oportunizou o surgimento de novos objetos, exigindo do profissional de história o repensar tanto sobre a forma, como o tratamento a ser dispensado a registros até então não devidamente considerados, ou mesmo ignorados, em virtude de sua “inaplicabilidade” no trabalho de constituição do texto histórico. Os trabalhos com fontes orais vem se multiplicando e tem demandado um contínuo refinamento na análise dos materiais disponibilizados para as pesquisas. A relação entre memória e construção do conhecimento histórico, com todos os problemas que lhe são inerentes revitalizam as discussões sobre a constituição do texto historiográfico e as possibilidades exploratórias deste campo específico de investigação.

No meu entendimento os estudos sobre campo político (BOURDIEU, 1989: 163-207) ganham densidade com a inserção das fontes orais, ao dar visibilidade às diferentes dimensões que envolvem as diversas formas de relações de poder, nuançando ou dando

* Professor doutor do Departamento de História da Universidade do Estado de Mato Grosso. Desde maio de 2006 participa do Projeto de Pesquisa coordenado pela Profª. MS. Maria do Socorro de Sousa Araújo intitulado *História, Memória e Oralidade: as narrativas da cidade de Cáceres*.

visibilidade a aspectos insondáveis do ponto de vista comportamental entre os diversos atores envolvidos.

Nesta perspectiva, este artigo tem como propósito desenvolver algumas reflexões preliminares, tomando por base relatos obtidos a partir de memórias individuais, transformadas em textos e, portanto, passíveis de utilização enquanto fontes de pesquisa para a constituição da tessitura do campo político na cidade de Cáceres. Sua aplicação, no entanto, é pensada na perspectiva de uma determinada história política, área de investigação que nas últimas décadas sofreu constantes redefinições, ampliando as possibilidades de abordagem dos seus objetos, não ficando mais circunscrita ao acontecimental ou o meramente episódico, alvo principal das veementes críticas que lhe foram feitas definindo-a como eminentemente *événementielle*. Em texto de certa forma inaugural, Jacques Julliard chamou a atenção para essa questão e afirmou que “... nada se ganharia em continuar a confundir as insuficiências de um método com os objetos aos quais ele se aplica” (JULLIARD, 1989: 265). O problema para o autor era de ordem diversa e não residia no *político*, mas no tratamento que lhe era até então dispensado.

Já mais recentemente René Rémond chama também a atenção para dois aspectos responsáveis pelo distanciamento dos estudos políticos; o primeiro uma reação ao seu estatuto de hegemonia e o segundo uma desconfiança em relação ao poder e ao Estado (RÉMOND, 1994: 14). Há que se considerar também que sendo o político mero reflexo de forças econômicas, ele seria incapaz de proporcionar uma compreensão da realidade, que está por trás das aparências não representadas nos fenômenos políticos. De modo distinto, parto do pressuposto que o campo onde a ação política é materializada reveste-se de uma dinâmica e existência que lhe são intrínsecas, em que coexistem o particular e o coletivo, a curta e a longa duração estabelecendo suas conexões numa constante intercombinação (CAPELATO, 1996: 161-165). Em outro trabalho Rémond afirma que o político “... tem uma consistência própria e uma autonomia suficiente para ser uma realidade distinta” (RÉMOND, 1996: 445). Neste sentido, acredito que este campo de estudo, entre outros, constitui um *locus* fértil na compreensão de como os seres humanos estabelecem as suas relações, pois, reúnem em suas fronteiras os distintos níveis de tensão social com as respectivas especificidades que delineiam o seu perfil.

De modo ainda mais bem definido, este mesmo autor ao procurar os pontos de interligação entre as motivações que perpassam as relações sociais e a vincula ao universo do político, nos chama a atenção para a multiplicidade de elementos que agem de forma concomitante e se manifestam de maneiras diversas e em momentos também distintos.

Segundo ele:

O indivíduo engajado na política, na escolha de um voto, certamente está preocupado em salvaguardar seus interesses e os do grupo ao qual pertence. Mas há muito mais que isso. Ele tem convicções, idéias e até paixões, como a inveja, o ódio, o medo, o imaginário, o sonho, a utopia, a generosidade. Penso até que um povo se expressa tanto na sua relação com a política quanto na sua literatura, no seu cinema ou na sua culinária. (RÉMOND, 1994: 19).

Significa dizer que para além dos aspectos de maior visibilidade, há um conjunto de sentimentos, de procedimentos ritualísticos internalizados pelos mais diversos agentes sociais e inscritos na longa e na curta duração, onde necessariamente não é pela via da busca de uma racionalidade das atitudes e comportamentos políticos que se tornarão apreensíveis.

Entendo que é possível a partir dos novos instrumentais e metodologias utilizadas para o estudo do político, construir e fornecer ao lado das demais perspectivas de abordagem do passado, importantes contribuições. O revigoramento da História política tem oportunizado o alargamento dos seus estudos, desde as análises das ações individualizadas, pontualmente datadas, dos eventos chave, às grandes formações partidárias ou mesmo hábitos e práticas que se perenizam e nos são revelados a partir dos estudos de tomam em conta a *cultura política*.

Penso que o conceito de *cultura política* incorporado aos mais recentes estudos, bem se aplica aos nossos objetivos, ao alargar os horizontes na tentativa de compreensão dos múltiplos fenômenos que atuam e interferem nas opções e forma de atuação política de uma determinada sociedade e no interior das estruturas que a compõe. O conceito foi criado por dois estudiosos americanos Almond e Verba, nos anos 60 e tem sido utilizado com frequência nos estudos historiográficos. Entendo como pertinente a definição que lhe é atribuída conceituando-o como sendo um “... conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência as regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus atores” (KUSCHINIR & CARNEIRO, 1999: 227).

Através do estudo da *cultura política* é possível compreender determinadas práticas que transcendem as fronteiras artificialmente estabelecidas pela cronologia. Para além dos espaços institucionalmente entendidos como o campo natural onde se materializam as ações políticas, é necessário desvendar outras áreas onde o poder é exercido tão ou mais eficazmente em virtude do forte caráter de seu simbolismo. O conceito de *cultura política* é aqui tratado como determinados padrões de comportamento, assim como estratégias que são constantemente elaboradas e reelaboradas, geradoras de identidades políticas que

caracterizam e matizam certos grupos sociais, particularizando-os.

Ao ler trechos dos relatos concedidos pelos entrevistados¹, nos é possível perceber nexos e permanências com um passado que evidentemente não lhes era contemporâneo. Entre os aspectos do cotidiano político em Mato Grosso, particularmente nas duas primeiras décadas republicanas e que não se constituí em ação fortuita, temos o denominado coronelismo e suas decorrências. Em termos regionais, ter a capacidade de mobilizar homens em armas era fundamental na resolução de determinados impasses, era o ápice de conflitos mal resolvidos, acordos rompidos, honras ofendidas, entre outros aspectos. É da natureza do fenômeno coronelístico, a mesclagem das mais variadas práticas políticas em que ações coercitivas coexistem com o estabelecimento de uma complexa rede de compromissos mútuos (CARVALHO, 1998: 132). Este autor assim o define:

... um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao presidente da República em troca de reconhecimento por parte deste seu domínio no Estado. (CARVALHO, 1998: 132).

No caso do universo matogrossense os embates armados, as lutas de distintas dimensões possuíam largo espectro, num *continuum* que ia desde uma ação pontual que tinha como alvo um indivíduo, aos atos coletivos previamente organizados como o sítio da capital do Estado. Havia, portanto, uma clara definição do lugar a ser ocupado por cada um no cenário das disputas políticas. Ao fazer esta afirmação procuro chamar a atenção para o imbricamento entre temporalidades distintas presentes na relação entre história e memória, pois como afirma David Lowenthal: “A história expande e elabora a memória ao interpretar fragmentos e sintetizar relatos de testemunhas oculares do passado” (LOWENTHAL, 1998: 104).

Passemos agora aos depoimentos. Em sua entrevista, o senhor Natalino Fontes em uma única sentença, define de forma muito concisa e objetiva a personalidade impregnada nas ações políticas neste período ao afirmar que “... o comício era o prestígio do coronel, né, num tinha muito comício não”.² Independente do fato do depoente estar se referindo a outro recorte cronológico, o que de fato interessa é a força da própria expressão designativa de

¹ Os trechos das entrevistas utilizadas neste texto foram extraídas dos depoimentos concedidos aos membros da equipe do projeto de pesquisa intitulado História, memória e oralidade: as narrativas da cidade de Cáceres.

² Entrevista concedida pelo senhor Natalino Fontes no dia 27 de abril de 2005 a equipe do projeto de pesquisa História, memória e oralidade: as narrativas da cidade de Cáceres.

quem detinha o poder, sua capacidade de concentração e mando, são resquícios que certamente permeavam o imaginário político, não apenas do entrevistado como de seus antecedentes mais próximos de uma *cultura política* palmilhada por relações de poder pautadas pelo pacto homem a homem.

Se no universo oligárquico havia o espaço para constantes reacomodações das forças políticas, o compromisso era vital no interior das relações coronelísticas, assim como a ruptura de um pacto era inaceitável, o custo político de uma dissidência, podia ser responsável pela quebra da estabilidade do sistema. Evidente que nos depoimentos os mecanismos mais ou menos coercitivos, mudam a sua face e o que é mais instigante, estão tacitamente implícitos nas práticas políticas obtidas pelos testemunhos transcritos. Não estou afirmando que o fenômeno coronelístico, esteve presente em outros recortes cronológicos, inclusive por interpretá-lo como fenômeno datado, mas apenas observando como suas características permeiam as lembranças de certos entrevistados.

Em sua entrevista, a senhora Noelita Curvo nos fornece elementos importantes para traçar o quadro do ambiente eleitoral então vivenciado no município de Cáceres, nas décadas de 50 e 60 ao afirmar que:

*No dia da eleição? Papai lá em casa ficava pegando os eleitores. 'Aquele lá mora longe, vai pegar.' Ficava tudo aqui no quintal da casa da gente. Cada turma, ia de grupo, e a gente ia escoltando pra não deixar ninguém roubar seu eleitor; até na hora, ficava por perto assim. E assim todos eles faziam; a gente ia era o dia inteiro; cada um passava dava comida, almoço, tudo em casa, contanto que não falasse com ninguém, não visse ninguém pra não mudar de partido e levava até em cima da urna. 'Era o papelzinho, punha no sutiã, punha no bolso, não falava com ninguém, e levava os eleitores, assim que era.'*³

Tomar o depoimento apenas como uma representação de relações pautadas pela subserviência é a meu ver reduzir as possibilidades de explorar a questão, pois em sua narrativa podemos perceber a integração da postura política traduzida na forma de proteção, de amparo, com fortes ingredientes de uma lealdade possivelmente dissimulada ou não, elementos estes presentes no evento *eleição*, acontecimento vivenciado de forma intensa na cidade. Neste sentido, nos é perceptível apreender uma radical alteração em seu cotidiano, dando-lhe uma coloração distinta, com a clara definição do campo de atuação dos contendores e a intensificação das disputas. De uma forma ou de outra, é um momento de divisões e conflitos que sacralizavam a vida política cidadina e neste universo, quem votava passava a ter

³ Entrevista concedida pela senhora Noelita Curvo no dia 18 de outubro de 2005 a equipe do projeto de pesquisa História, memória e oralidade: as narrativas da cidade de Cáceres.

importância, ganhava significados especiais, era acalentado e de certa maneira protegido “cortejado”, ainda que intermitentemente, criando uma rede diversificada de fidelidades pessoais, envolvendo atores com capital político diferenciado, mas entrelaçados no momento do exercício do voto.

Nesta perspectiva de abordagem, trabalhos mais recentes chamam a atenção para a necessidade do clientelismo ser tratado não necessariamente como uma “deturpação”, em relação a modelos teóricos que dão aporte para a compreensão de sistemas políticos diferenciados. (KUSCHINIR & CARNEIRO, 1999: 240) . A partir deste pressuposto, o voto tomado de forma isolada ou conjunta, revela-se um poderoso elemento de adesão, permeado pelo caráter de troca que lhe é intrínseco e as relações pessoais que o funda. Em que medida, nos casos observados, o voto é desqualificado e desprovido de valor, considerando que os recursos coercitivos utilizados pelos agentes em jogo, se tornam em determinados momentos mais eficazes, é sem dúvida algo que merece nossa atenção, ainda que, o empenho na sua obtenção aponte preliminarmente para a manutenção de sua importância durante os pleitos eleitorais. Mecanismos coercitivos e clientelismo, não são componentes por excelência de um tempo que não é o nosso e de um passado que não nos diz respeito, a alternância de ambas as práticas ou sua utilização simultânea depende de uma série de fatores, bem como a dosagem com que são aplicadas. A *cultura política* no Estado é por elas forjadas e o conjunto dos atores envolvidos nas disputas de poder, não podia delas prescindir.

É interessante observar, como entre as narrativas colhidas, caminham lado a lado referências substantivas sobre os partidos políticos que estabelecem o campo de divisão dos contendores, revestindo-os de significado, valorando-os e ao mesmo tempo práticas políticas que os reduzem à siglas meramente formais, destituindo-os de um sentido. Pode-se até mesmo pensar num primeiro momento em uma relação paradoxal em que fica muito bem explicitado a não institucionalização da vida partidária, mas de outro não há como desconsiderar os nexos de uma dinâmica partidária que se encontram nas dobras e com poucas possibilidades de os explicitarmos se no atermos ao formalismo que permeiam determinados estudos de ciência política. Dito de outra forma, há todo um ritual anuviado, que não aparece nos dados e estatísticas, nas tabelas, na composição dos quadros eleitorais e nos desenhos frios e assépticos dos gráficos. Eles não podem simplesmente ser desconsiderados ou desprovidos enquanto resíduos que apontam para a complexidade da vida social. E aqui tomo as palavras de Putnam, em um momento particularmente propício ao debate, considerando as polêmicas e discussões sobre atual reforma política, espécie de apanágio para a resolução de todos os problemas e questões. Acerca da relação entre as práticas políticas e as normas

institucionalmente estabelecidas, este autor nos apresenta algumas perguntas que dão o que pensar, como por exemplo:

Se reformarmos as instituições, seguirão as práticas políticas o mesmo caminho?; De que forma o meio ambiente social, econômico e cultural influencia a performance das instituições democráticas?; Ou ainda, será que a qualidade da democracia depende da qualidade de seus cidadãos? (KUSCHINIR & CARNEIRO, 1999: 242, apud) .

Questionamentos que dão o que pensar e nos instigam a refletir sobre como as cidades vivenciam o político e os nexos possíveis de serem estabelecidos, oportunizando também, no meu entender, a produção de uma grade de leitura para a compreensão deste rico campo de investigação. Penso que as abordagens historiográficas que tratam dos estudos do político, a partir da utilização de fontes orais, cruzando-as com os demais registros disponíveis é mais um componente no sentido de tornar inteligível o conjunto de feixes que envolvem a relação dos personagens surgidos e construídos em seus relatos com os espaços por eles coabitados.

Para finalizar é sempre bom lembrar que cotidianamente mudam as perguntas e, por conseguinte, como o passado é abordado e filtrado, ou seja, no interior do complexo conjunto de alterações, muda também a forma como o texto histórico é produzido, a linguagem retira e introduz novas figuras, o modo como o ser humano estabelece suas relações com o mundo são modificadas, o conjunto de fontes, rastros, pistas ou vestígios são diversificados, os combates no campo do conhecimento historiográfico entendido como legitimado e autorizado são revitalizados, toda uma rede de sociabilidade calcada em valores distintos é permanentemente construída ou reconstruída, num amalgamento de práticas do passado, do presente e de um possível devir. É no interior deste turbilhão e em meio aos nexos responsáveis por sua inter-relação que está situado o historiador. Seu trabalho está entrecortado por este complexo universo de sentimentos e sentidos, onde a percepção e as experiências das sensações não são homogêneas nem unívocas. Sua construção se dá no diálogo interno e intrínseco à sua escrita, com as percepções externas que nos são inerentes, uma composição tensa, mas necessária e permanentemente perpassada pela condição de como nos situamos perante a vida e estabelecemos os nossos mecanismos de leitura do mundo.

Referências bibliográficas:

- BOURDEIU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *História política*. In: **Estudos Históricos**. Vol. 9, nº. 17. Rio de Janeiro: FGV, 1996. Pp. 161-165.
- CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual*. In: CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Pp. 130-153.
- _____. *Coronelismo*. In: BELOCH, Israel e ABREU, Alzira Alves de (coord). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: 1930-1983**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV/FINEP/Forense Universitária, 1984. Pp. 932-934.
- JULLIARD, Jacques. *A política*. In: Le Goff, Jacques & Nora, Pierre (org.) **Fazer História**. Bertrand, 1989.
- KUSCHINIR, Karina & CARNEIRO, Leandro Piquet. *As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política*. In: **Estudos Históricos**. Vol. 13, nº. 24. Rio de Janeiro: FGV, 1999. Pp. 227-250.
- LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. In: **Projeto História**. (17). São Paulo: EDUC, nov. 1998.
- RÉMOND, René. *Por que a história política?* In: **Estudos históricos**. Vol. 7, nº. 13. Rio de Janeiro: FGV, 1994. Pp. 9-19.
- _____. *Do político*. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. (org.). Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. Pp. 441-450.